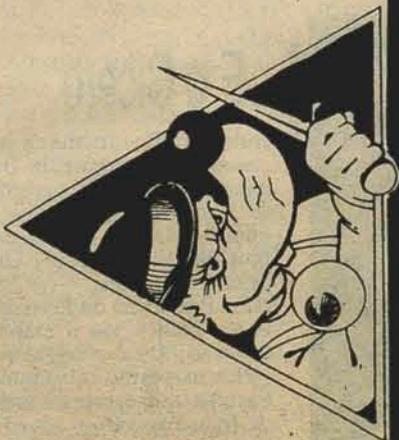


GOBAINA



Emerson Ghislandi

Cadê a Liberdade?

página 5

SUMÁRIO

Separatismo

NE não quer país dividido. Pág. 6

Black or White

Família dita preconceito Pág. 7

Enecom em Recife

Estudantes debatem futuro. Pág. 6

Vestibular

Quem é o calouro? Pág. 7

Eduardo Paredes

Protesto vira filme. Centrais



Mônica Proença

Por telefone, com a mesma facilidade que se pede uma pizza, qualquer pessoa pode negociar algumas horas de prazer. As agências de garotas de programa, contabilizam em dólar os lucros que a prostituição proporciona quando oferece aos clientes sigilo e comodidade. Um programa não sai por menos de 20 dólares.

Quanto se paga pelo prazer?

Página 3

Ao concluir esta edição do "Cobaia", a Faculdade de Jornalismo da Univali estará dando um passo importantíssimo para sua consolidação como opção séria, de qualidade e definitiva para os que pretendem obter a graduação nesta especialidade. O projeto do jornal-laboratório, tão prometido, tão cobrado e tão aguardado, começa a dar sinais de vida. E, mais ainda, de que veio para ficar.

Com a ampliação do quadro de alunos envolvidos, a tendência é de se alcançar a periodicidade ideal (quatro edições por semestre) já em 1994. No momento, o pessoal do quinto e sexto períodos trabalha na edição do próximo número, que deve sair em outubro. A turma do quarto período se movimenta para garantir um espaço, ou uma alternativa, para publicar seus trabalhos.

Os alunos do terceiro e segundo períodos também pretendem partir logo para trabalhos práticos. Enfim, nosso jornal, apesar das críticas e do ceticismo de determinados setores não compromissados com o crescimento da qualidade de ensino da Faculdade de Jornalismo, começa a demonstrar sua força. Para esses (assim como para os que acreditam no projeto, é claro) apresentamos a segunda edição do "Cobaia", jornal redigido, editado, fotografado, diagramado e revisado pelos alunos do sexto período de Jornalismo da Univali.

Jornalista José Augusto Gayoso
Professor coordenador do projeto

Expediente

Conselho editorial: alunos do Sexto Período — Adriana Fermiano, Alfredo Rosar Ramos, André Pinto Silveira, Christiane de Oliveira, Cláudia Cristina Batschauer, Daniela Maia Fortes, Eduardo Wendhausen Ramos, Emerson Pedro Ghislandi, Fabiana Ladi Benhke, Gislene Maria Bastos, Janaina Darós Juvenal, Krisley de Aquino Rosa, Marta Regina da Costa Vizzotto, Mônica Proença Rosa, Roberta Diedrich, Rubens Flóres, Stênio dos Santos Stein, Vilmar Felício Adriano.

Apoio ao projeto: professores Alcebiades Muniz (fotografia), Alexandre Fernandes (diagramação), Alberto Russi (reportagem), Fábio Muniz (redação) e José Augusto Gayoso (revisão).
Todos os textos, fotografias, diagramação montagem são trabalhos dos alunos

As campanhas de conscientização para se evitar a Aids começam a surtir efeito. Entre os travestis que trabalham na rua, em Florianópolis, "Nívea" é um dos que faz ponto com uma caixa de camisinhas na bolsa. Ele garante que só transa com a camisinha, por medo de ser contaminado com o vírus HIV. Brincando, comenta que tem camisinha para todos os tamanhos. E no final, revela: "tem para o pequeno, o médio e o grande. Mas para o grande, a vontade de não usar a camisinha..."



Adriana Fermiano



Adriana Fermiano

Comemorar o que?

Golfinho

No dia 26 de agosto último foi resgatado por acadêmicos do curso de oceanografia da Univali, na Praia Brava, o corpo de um golfinho. O animal apresentava ferimentos produzidos por objetos perfuro-cortantes, — facas ou arpão caseiro — indicando a interação com a pesca, como provável causa-mortis. Os pesquisadores transportaram o mamífero para o laboratório de biologia, com o objetivo de determinar a espécie e coletar material para análises. Após a lavagem e o levantamento dos dados morfométricos (peso, comprimento, etc), concluíram que tratava-se de um Golfinho-Pintado-do-Atlântico, conhecido cientificamente como *Stenella frontalis*. O corpo osteológico coletado é único em instituições nacionais.

Semana

Desde segunda-feira os estudantes e professores da Faculdade de Comunicação e Arte (Facoart) estão envolvidos com a II Semana de Jornalismo. Pelo que pôde ser constatado na programação da noite de abertura, os debates podem proporcionar excelentes temas para reflexão e apontar caminhos para discussão em cima da realidade da profissão, bem como do papel da universidade na formação dos profissionais. A Aja (Associação dos Jornalistas Acadêmicos), que organizou o evento, também coordena a cobertura jornalística da Semana, através da edição de um boletim diário com o resumo das palestras da noite anterior. E o pessoal do sexto período vai editar um boletim mais detalhado, com a conclusão dos trabalhos, a ser distribuído na próxima semana.

Conscientização

• Laboratórios

Os alunos estão atentos à construção dos laboratórios de rádio e TV e à compra de seus equipamentos, pois precisam deles no início de 94, como prevê a grade curricular. O laboratório de foto está em funcionamento, assim como as salas de redação e diagramação. Mas, além disso, a UNIVALI deveria ter uma gráfica capaz de produzir o COBAIA. Vários impressos poderiam também ser produzidos na própria Universidade.

• Enfim, sós!

Nosso Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, desvinculou-se da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, incorporando-se à recém-criada Faculdade de Comunicação e Artes. Agora já se pode sonhar com Departamento de Professores, menos burocracia, mais autonomia e, cada vez mais, melhores professores, desde os primeiros semestres, é claro!

• Ele gostou!

O grupo de alunos responsáveis pelo primeiro COBAIA agradece a correspondência do Reitor, Edison Villela, cumprimentando pelo trabalho apresentado e colocando a reitoria à disposição para o que for necessário, a fim que se seja garantida a produção desse jornal laboratório. É o que todos esperam...

• É o Cícero

Indo para Recife, numa das paradas no interior da Bahia, Cícero, do 3º período de Jornalismo, perguntou a quatro colegas: — Já passamos em João Pessoa? Um deles, respondeu: — A Paraíba fica acima de Pernambuco. Nunca viu o mapa? Irritado, Cícero retrucou: — Eu não estou falando da Paraíba, eu estou falando de João Pessoa!

Em Itajaí não há nenhum projeto de assistência, amparo e proteção às menores prostitutas ou envolvidas com drogas. O Conselho Tutelar do município, teoricamente o responsável por esta assistência, é formado por 18 pessoas, mas desde sua criação, pouco — ou nada — fez para tentar reverter a situação.

Há entidades na cidade que trabalham com crianças carentes, mas nenhuma trata especificamente da criança na rua. O Lar Padre Jacob, no bairro Fazenda, é dirigido por quatro irmãs salesianas, e atende 120 crianças. Elas exercem atividades profissionalizantes e recebem reforço escolar. A instituição é mantida com ajuda da Prefeitura, Estado e, principalmente, contribuições da comunidade. A Irmã Honorina Dias explica: "Não trabalhamos com crianças prostitutas e envolvidas com drogas porque prejudicaria todo um trabalho com filhos de famílias carentes, mas que não têm a experiência das ruas".

O Lar Assistencial Fabiano de Cristo também promove atividades profissionalizantes e é sustentado pela Capemi (Caixa de Pecúlio Militar), além de receber verba da Prefeitura e LBA.

A única entidade de Itajaí que trabalha com os meninos que vivem na rua é o CCCA (Centro de Convivência da Criança e Adolescente), em atividade há um ano e mantida pela Prefeitura. Seu orientador, Wilson Chaves, acredita que "o CCCA serve como referencial para os meninos na rua". Ele tem conhecimento de que há garotas se prostituindo, mas admite que o CCCA não tem estrutura para orientá-las. O Centro só trabalha com crianças do

Mônica Proença

Menores nas ruas são vítimas de abuso sexual



As menores prostitutas iniciam cedo, nas ruas ou nos bares convivem com drogas e violência

sexo masculino. Segundo Wilson, a população não se incomoda tanto com a prostituição. Nesta casa são dadas orientações sobre sexualidade para os menores, de maneira informal, aproveitando as dúvidas das crianças. Chaves diz que há meninos que se envolvem com o homossexualismo.

O menor J. S. garante que foi procurado por um professor da Univali, conhecido no meio por Roberval, para manter relações sexuais ou assistir uma

relação entre dois menores — conhecida entre os meninos como "troquinha" — enquanto ele se masturbava.

A prostituição e as drogas fazem parte da vida das crianças na rua. A ex-prostituta V. A., mãe de dois filhos, relata que foi estuprada por policiais civis aos 13 anos em Itajaí. V. A., uma adolescente de estrutura franzina, sustenta que o primeiro estupro aconteceu com quatro policiais, "Eles me pegaram, apontaram um arma e me obriga-

ram a transar, eu ainda estava grávida de 1 mês". Ela ressalta que havia cocaína no bolso dos policiais.

A ex-prostituta permaneceu por dois anos na extinta Fucabem, ("onde a droga rolava solta"). Ela recebeu orientações sexuais, mas se julgava "descabeçada", devido à pouca idade. Nos programas da ex-prostituta, o sexo era praticado de forma tradicional, conhecida como "papai-mamãe". Suas relações duravam no máximo 15 minutos e se cobrava um mil cruzeiros reais. V. A. vem de uma família pobre, com problemas: seus irmãos são ladrões; algumas de suas irmãs vivem da prostituição e envolvem-se com drogas; e a mãe é aleijada. Eles moram num beco no centro de Itajaí onde circula droga abertamente nas mãos de crianças de 3 ou 4 anos. V. A. preferia atender à clientela mais tradicional nos bares onde freqüentava, no bairro São Vicente, Rio Bonito e beira do porto. "Os marinheiros e os gregos são muito estúpidos", justifica.

Os bares são os lugares preferidos das menores. Em um deles, próximo ao porto de Itajaí, vive a menor E.. Ela paga sua hospedagem e alimentação em troca do seu corpo. Neste bar, segundo a ex-prostituta, há portas nos fundos para fuga. Os policiais avisam a proprietária do horário da batida. Nos últimos meses de junho e julho, não houve nenhuma ocorrência da Polícia Militar registrando prostituição de menores. V. A. nunca foi procurada por entidades assistenciais. Mesmo sem orientação optou por não voltar para a prostituição. Já a menor E. continua se prostituindo no bar.

Texto: Daniela Maia Fortes
Janaina Darós Juvenal
Fabiana Ladi Benhke

Inflação e crise não preocupam quem vive do comércio do sexo

Desde os tempos de Adão e Eva, quando através da maçã descobriu-se que o "pecado" é bom, a preocupação em satisfazer o instinto do homem em matéria de sexo nunca esteve tão em alta e ao alcance do telefone. É como pedir uma pizza: você escolhe a cor, o tamanho e fica ciente que nas duas horas seguintes (tempo médio de um programa, que em agosto custava CR\$ 1.500,00), tem direito ao prazer total — com camisinha. Fora os motéis, existem livrarias, videolocadoras e mais uma infinidade de serviços da chamada indústria do prazer.

Só para se ter uma idéia, nos classificados de um jornal de circulação estadual, na seção de massagistas especiais, edição de domingo 22 de agosto, contam-se 25 anúncios. Cada linha sai por CR\$ 98,54 nos dias mais caros. Considerando-se que um anúncio destes tem sete linhas, se ele for publicado em todos os cadernos classificados até o final do ano,

o lucro do jornal será de CR\$ 76.517,00.

As agências especializadas na contratação de garotas para programa ou acompanhamento de executivos, responsáveis por esses anúncios, cresceram muito nos últimos dois anos. No começo, os próprios jornais não sabiam lidar com os anúncios, eles vinham acompanhados de fotos das mulheres, o que foi proibido. As mulheres geralmente vêm de outros estados, é um tipo de instrumento de segurança que garante por exemplo, que elas não venham a sair com alguém da própria família.

Não há qualquer tipo de relação afetiva, segundo Camila, 19: "a vida é normal, como a de vocês, é difícil ter namorado". Essa morena trabalha há 4 meses em Florianópolis. A agência dá moradia e alimentação, e os lucros divididos meio a meio. Camila já tentou sair, mas quando a crise aperta elas sabem onde encontrar dinheiro fácil ("dinheiro que entra fácil sai fácil"). O que os

clientes mais pedem é para transar sem camisinha, mas é como ela já respondeu: "Eu posso até transar, mas amanhã, com todo o dinheiro eu não posso me curar da Aids".

Existe também quem trabalha sozinho nesse ramo. E o caso dos travestis que fazem ponto nas principais ruas da cidade. Segundo os próprios clientes, alguns chegam a dar "um banho" em muita mulher bonita. Nívea, 42, não é modelo de beleza, mesmo assim dá pra faturar CR\$ 10.000,00 por semana. Atendente em um hospital da grande Florianópolis, sentiu o homossexualismo aos 13 anos, e com 16 começou a fazer ponto. A maioria dos clientes é de casados, pessoas que procuram sair da rotina de um relacionamento desgastado, e encontram neles a liberdade de não serem cobrados por nada que queiram, ("é uma coisa animal"). Apesar de alguns problemas com a polícia, ela não encara o trabalho como uma profissão: "faço porque gos-

Variação de preços no mercado do sexo

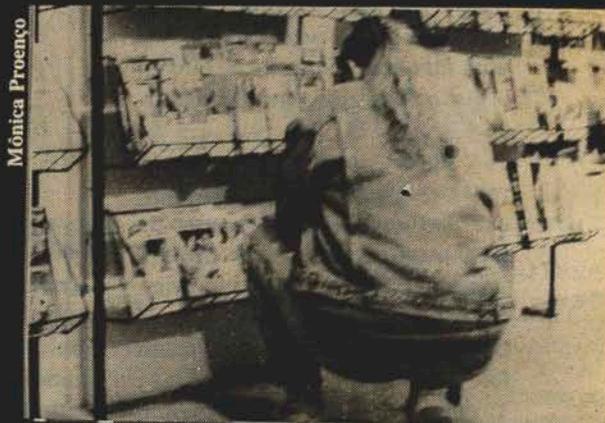
Filmes — variam de 90,00 a 120,00, chegando a CR\$ 150,00 em longas.

Telefantasia — debitadas em contas telefônicas, os preços oscilam de CR\$ 105,60 a 129,00 por minuto. (Fonte 011 — 900.01.01, das 6 às 22h)

Revistas — dependendo do tipo de material, varia de 50,00 a 300,00.

Camisinhas — caixinha com 3 unidades, vão de CR\$ 250,00 a 300,00

Dados colhidos em estabelecimentos de Florianópolis, salvo o serviço Tele-fantasia de São Paulo.



Mônica Proença

Motel — dependendo dos serviços preços podem variar de CR\$ 350,00 a 2.200, que vão de 2 a 3h.

"Tem revista que é suja mesmo...", confessa o dono de uma banca

to". O mercado editorial, também como o de vídeo, vem recheado de novidades. A rapidez que novos títulos são lançados chega a espantar aqueles que acreditavam que a AIDS jogaria um balde de água fria, principalmente na produção de vídeos. A qualidade, o cuidado nas produções garantem às locadoras prateleiras vazias nos fi-

nais de semana, no setor filme eróticos, principalmente agora que estão para chegar ao mercado os filmes com duas horas de duração, os chamados longas metragens. Os aficionados do gênero conhecem os principais diretores, as atrizes mais importantes e conseguem citar os clássicos sem muito esforço. O que já não acontece com as revistas. A variedade

não vem acompanhada de qualidade. Mesmo assim a procura nas bancas é grande. Para Roberto Nunes, dono de uma banca de jornais, é uma mercadoria que não encaixa: "tem revista que é suja mesmo; às vezes até eu fico com vergonha, só que tenho que vender".

Adriana Fermiano
Mônica Proença
Rubens Flores

Cineasta prepara seu novo curta metragem

Apesar da crise na Embrafilme e em toda área da cultura brasileira, este cineasta radicado na Ilha fez com que seus curtas metragem ajudassem a segurar o cinema nesta época.

Paredes, com seu talento e persistência manteve-se na "ativa", ganhando prêmios inéditos para Santa Catarina com o filme "Desterro". Agora não satisfeito Paredes começa a rodar seus documentários sobre o episódio acontecido em Florianópolis no dia 30 de novembro de 1979. "Novembrada promete buscar consciência política nas pessoas ao relembrar tamanha violência praticada pelo General Figueiredo e seus aliados".

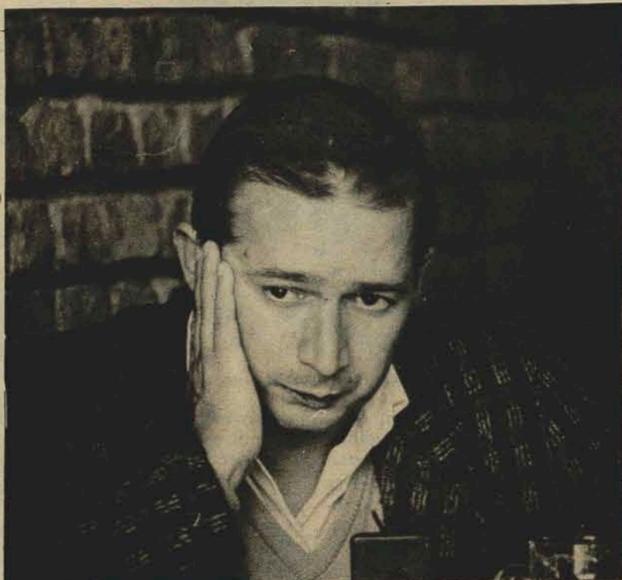
Alfredo Ramos
Stênio Stein

"Infelizmente só se faz cinema com dinheiro na mão", segundo Eduardo Paredes; paranaense, 37 anos há 13 radicado em Santa Catarina. Aos 16 anos, quando não sabia o que fazer da vida, Paredes foi presenteado, pelo seu tio, com uma máquina fotográfica, fato este que o despertou para sétima arte.

Após trabalhar 6 anos como repórter fotográfico em vários jornais do PR, ingressou no curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Curitiba. Mesmo sem concluir o curso, pois já tinha o registro profissional como fotoperiodista. Foi em 1978 o seu 1º contato "real" com cinema, com o filme "Maldita Condição" considerado na época, underground. Logo depois, fez vários cursos, oficinas, em Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro, e quem muita "pestanda" para poder "sacar" os conceitos dos cinemas alemães, americanos, e ingleses.

Finalmente, em 1989, após 11 anos de trabalho, Paredes achou que estava preparado para a estreia do filme "Desterro". Para ele, este filme foi um "ato de desabafo e uma homenagem ao povo da Ilha, que teve seu nome usurpado pelo maior carrasco do Brasil, Marechal Floriano Peixoto".

Foi uma fita difícil de ser produzida, pois se trata de um filme de época, onde é necessário buscar informações. Esse período de finalização coincidiu com a posse de



Rubens Flores

"Sem conhecer o passado ninguém é capaz de formar uma opinião política". (Eduardo Paredes)

Fernando Collor, que assumiu o poder, mudando toda política econômica, fazendo com que os patrocinadores desistissem dos investimentos na área cultural.

Julho de 1990, depois de se ver obrigado a vender seu automóvel Fiat 82, para não parar a produção, Paredes conseguiu finalizar o filme com a ajuda financeira do governo de Santa Catarina e prefeitura de Florianópolis. Ele entregou a primeira cópia do filme à comissão organizadora do Festival de Gramado.

No dia 18 de agosto o filme foi exibido pela primeira vez, no Brasil, apesar de já estar sendo comercializado no exterior e ter ganho prêmios para Santa Catarina. "Desterro" abriu inúmeras portas para o cineasta Eduardo Paredes, que já está se preparando para um estágio na Europa. Os cursos são de roteiro e direção, na Itália e na Espanha. Ele admite que sua vocação é mesmo traba-

lhar com fatos históricos.

Paredes agora está finalizando outro filme da história nacional "Novembrada", "que mostra a realidade vivida pelo povo florianopolitano no dia trinta de novembro de 1979, na praça quinze de novembro". Um protesto exacerbado, feito por estudantes e cidadãos anônimos contra o presidente General Figueiredo. "Este fato fez o povo, que já não aguentava mais tanta pressão, sofrer uma catarse positiva, ajudando a iniciar em Florianópolis os protestos que se estenderam em todo o país, pelo fim do regime militar pós 64".

"Novembrada" será rodado em forma de documentário e está orçado em 30 mil dólares, que Paredes já conseguiu. Para este cineasta o que importa em seus filmes é "despertar nas pessoas a consciência desses fatos históricos, pois sem conhecer o passado ninguém é capaz de formar uma opinião política."

Liberdade de Expressão

Ela gerou obras importantes, mas a censura anda solta por aí

Se a liberdade de expressão ao longo da história forjou obras sublimes nas mais diversas áreas da atividade humana — literatura, música, teatro, cinema —, é inegável também que contra ela muitas injustiças e atrocidades já foram cometidas, principalmente durante os regimes políticos de exceção. Na ditadura militar implantada no Brasil a partir de 1964, por exemplo, não foram poucos os livros, os filmes, as peças teatrais e as composições musicais censurados, com seus autores sendo perseguidos, presos, exilados, torturados e até mortos.

E dentro desse contexto se inclui, com maior ênfase, a Imprensa, uma das vítimas maiores da violência e arbitrariedade praticadas pelo autoritarismo dos poderosos, mesmo nos dias atuais, conflitando com os avanços da democracia. Mas o ódio contra a Im-

prensa no Brasil é secular, e pode ser detectado desde a época do império. Provas documentais atestam que o Marechal Deodoro da Fonseca, o proclamador da República, apoiou o empastelamento do jornal A Tribuna; que o presidente Epitácio Pessoa achava que "coagir o pensamento nacional" era uma tarefa meritória; e que o presidente Artur Bernardes mandou encarcerar um jornalista por longos meses, sem processo nem culpa formada, após querer suborná-lo, e cometeu um crime de genocídio ao autorizar o bombardeio de São Paulo em 1924, causando a morte de dezenas de velhos, mulheres e crianças.

O jornalista Fernando Jorge, em seu livro "Cale a Boca, Jornalista!", pulveriza o mito Carlos Lacerda democrata. Informa com provas insofismáveis: "Lacerda,

quando era governador do Estado de Guanabara, procedeu como um fascista, pois mandou apreender o Correio da Manhã e outros jornais. Além disso, no tempo do Estado Novo, ele recebia dinheiro do DIP — Departamento de Imprensa e Propaganda para ficar a serviço da ditadura". O órgão foi criado pelo próprio Getúlio Vargas para fiscalizar os jornais e censurá-los quando julgasse necessário. Outros fatos do livro dignos de serem mencionados: os socos de Leonel Brizola na cara de David Nasser; o pulo do general Newton Cruz em cima do repórter Honório Dantas (gritando a frase "Cale a boca, jornalista!"), utilizada como título do livro) e os suplícios bárbaros infligidos durante o governo Médici aos jornalistas Rodolfo Konder, Miriam de Almeida Leitão Netto, Renato Oliveira da Mota, José Augusto Pires, Antônio Carlos Fon, Frederico Pessoa da Silva e Wladimir Herzog. Este último, após ser preso ilegalmente, foi torturado e morto em 1975 nos porões do Doi-Codi.

No final da década de 70, devido a um processo baseado na Lei de Imprensa, o repórter da Folha de São Paulo Ricardo Kotscho, chegou a ser condenado a um ano e quatro meses de prisão, mas obteve a suspensão condicional da pena. Em seu retrato de uma época de terror, Kotscho relata: "...era raro o fim-de-semana em que um jornalista não desaparecia misteriosamente no prosaico trajeto entre a casa e o trabalho". No início dos anos 80 quatro jornalistas, responsáveis pelos diários Gazeta do Vale, de Itajaí, e Afinal, de Florianópolis, viram-se enquadrados nos artigos 14 e 33 da Lei de Segurança Nacional. Haviam reproduzido matéria da Hora do Povo sobre as autoridades que possuíam conta bancária na Suíça, na qual constava o nome do governador Jorge Bornhausen.

As bombas também não faltaram na história do jornalismo brasileiro após a revolução de 64: bomba na Associação Brasileira de Imprensa, em 1968; bomba no Jornal do Brasil, no mesmo ano; bomba no Correio da Manhã, em 69; bomba no semanário Pasquim, em 1970 (duas vezes, em março e em maio); mais uma bomba na Associação Brasileira de Imprensa, em 76; bomba no periódico Hora do Povo, em 80.

Por tudo isso e muito mais, o abuso de autoridade e a agressão refletem a concepção que várias autoridades fazem da imprensa e dos meios de comunicação. E mesmo os ares de democracia que passaram a soprar no país não conseguem evitar que as arbitrariedades e a censura continuem a ser cometidas.

Texto e fotos: Emerson Ghislandi



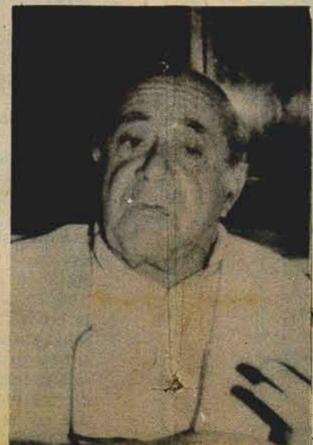
Jornalista solta o verbo e acaba preso

Um dos pressupostos mais caros da democracia é a existência de uma imprensa livre. No Brasil a história é repleta de episódios exemplares nos quais a imprensa praticada assumiu a vanguarda das grandes questões nacionais ao comunicar a sociedade com informações relevantes sobre os escândalos de todo-tipo e qualidade que pontuaram os últimos governos. A própria Constituição Federal, no seu artigo 5, incisos 6º e 9º, garante a livre manifestação e expressão do pensamento em atividades intelectuais, artísticas, científicas e de comunicação, independente de licença ou censura.

Dalmo, libertado por habeas corpus, está entrando com representação contra a juíza que decretou sua prisão, por abuso de poder. A inexistência de prisão preventiva na Lei de Imprensa; ter sido conduzido algemado; o confinamento em cela comum, são algumas das irregularidades relacionadas pelo jornalista no processo.

Entretanto, em Itajaí, o jornalista e advogado Dalmo Vieira, 64 anos, diretor do jornal "Diário do Litoral", penou durante 24 dias no cárcere da Cadeira Pública por suposto atentado à moral pública e aos bons costumes, acusado que foi pelo prefeito municipal Arnaldo Schmitt Júnior. A prisão preventiva do jornalista, decretada pela juíza Marly Mosimann Vargas, originou-se em reportagem publicada em 17 de julho último, na qual Vieira relatou um caso ocorrido na década de 60, quando uma freira teria sido flagrada em pleno ato sexual com um enfermeiro, na cozinha do Hospital Marieta Konder Bornhausen.

"Não é só pela irreverência da linguagem do jornal que fui preso. Na verdade venho denunciando irregularidades e atos de corrupção em diversas esferas do poder público e privado da re-



Dalmo vai processar a juíza



atinge um mercado de 13,5 milhões de pessoas, através de suas 56 empresas de comunicação espalhadas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal.

O grupo Sirotsky, nascido em 1975 com a Rádio Gaúcha de Porto Alegre, não é diferente dos outros controlados por outras poucas famílias (8), que detêm os meios de comunicação do País, conseguidos através da barganha e dos favores políticos. O presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina, Celso Vicenzi, lembra que em quase todos os países, inclusive os do chamado "primeiro mundo" que eles gostam tanto há uma legislação restritiva quanto à distribuição de concessões a veículos de comunicação. Porém, aqui permite-se essa concentração: uma mesma família ou grupo pode ser proprietário de canais de rádio e televisão, jornais e revistas. Isso é que é uma questão de segurança nacional.

A Vênus Platina dos Pampas entrou no ar em Santa Catarina no dia primeiro de maio de 1980, com a TV Catarinense de Florianópolis. Depois, comprou a TV Coligadas de Blumenau, a TV Cultura de Chapecó e a Companhia Catarinense de Rádio e Televisão (hoje RBS TV Joinville) essas quatro

O Grupo Sirotsky decide os caminhos da informação

A Rede Brasileira atualmente comandada por Nelson Sirotsky,

emissoras estão presentes em 729.374 domicílios com TV no estado, obtendo 63% de audiência média (estimativa de 1991).

Conforme pesquisa Ibope, durante o horário nobre, de cada 10 pessoas que assistem TV, sete estão sintonizadas na RBS, 70% do total da audiência, contra 30% das outras redes juntas. Segundo Vicenzi, estes números representam um "quase monopólio" da RBS TV em função dela ser retransmissora da Rede Globo.

Mas a RBS não se restringe à televisão. Ela controla também 7 rádios — duas AM (Diário da Manhã — Florianópolis e Princesa de Lages), e cinco FM (Atlântida de Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó, e a Rádio Itapema, também na capital). Além disso, possui dois jornais: o Diário Catarinense (DC) e o Jornal de Santa Catarina. O DC foi o primeiro no País a trabalhar com composição e edição eletrônica e hoje é o de maior tiragem do estado, com 36 mil exemplares/dia. Já o Santa pertence ao grupo desde o dia primeiro de setembro de 1992 e vem passando por renovações que obviamente visam aumentar sua atual tiragem de 20.000 jornais diários.

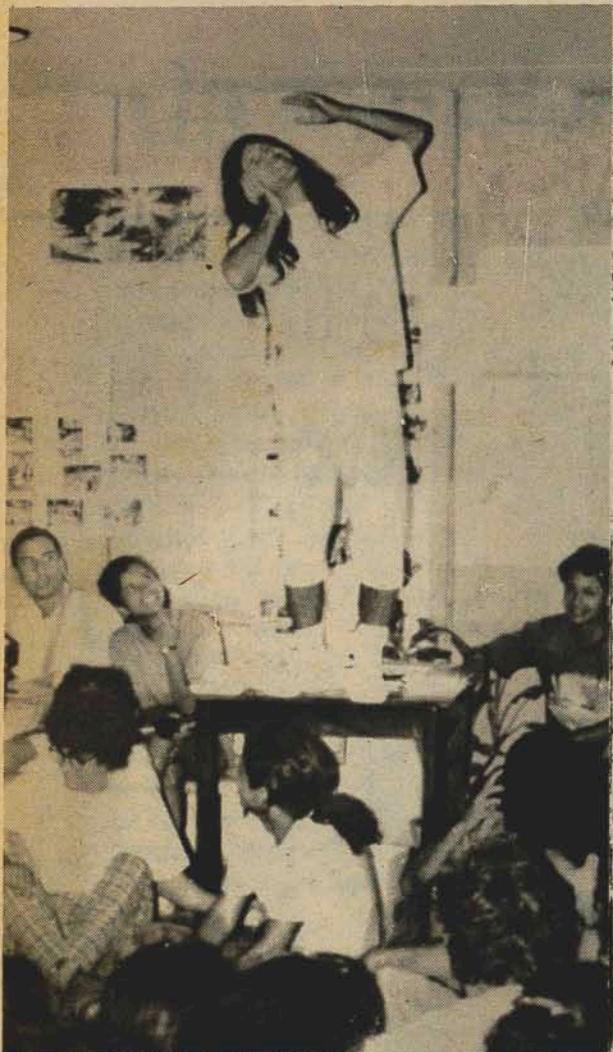
A cada ano que passa, a Rede Brasileira Sul se expande ainda mais. Adquiriu os direitos de comercializar os sinais de TV a Cabo em SC, representando a Globo Sat, através da "Horizonte Sul", e entrou no ramo da informática com

sua empresa ADP System, Monopolizando assim, uma boa parte do mercado de comunicação do País.

Com o advento do Mercosul, abre-se a perspectiva do grupo conquistar um espaço nos países do Mercado Comum do Sul, o que preocupa o presidente do sindicato dos jornalistas, pois a "tendência, se não houver uma mudança na constituição brasileira, é que aconteça a massificação da informação". Vicenzi finaliza dizendo que seu desejo, entretanto não é a destruição da RBS, e sim, que haja uma legislação que permita maiores condições de concorrência e a distribuição de concessões a fundações, universidades, sindicatos, igrejas, etc.

O Grupo RBS, entretanto, não concorda com as críticas. Derly Anunciato, diretor executivo do Diário Catarinense, lembra que a palavra monopólio, no dicionário, significa "direito exclusivo de exploração de um serviço". Para ele, as empresas que se enquadram nessa classificação são estatais como Petróbrás, Eletrobrás, etc. "Se estamos com o dobro de audiência das outras redes juntas, isso quer dizer que estamos atingindo um objetivo. Afinal, nossa meta é liderar os mercados em que atuamos". E complementa: "em Santa Catarina, temos 25 jornais de circulação diária, e só depois pertencem à RBS. Temos mais ou menos 140 emissoras de rádio, e somente sete do grupo. Esses números não demonstram que temos o "monopólio".

Enecom reúne mais de dois mil estudantes



Apresentação teatral em intervalo de palestras. (Sadi, do Rio)

Durante uma semana (18 a 24 de julho), alunos de comunicação social de todo o Brasil se reuniram em Recife (PE) para discutir sua linha de atuação e o posicionamento diante de importantes temas nacionais. Discutiu-se a votação da Lei de Imprensa no Congresso Nacional e, conseqüentemente, a luta pela aprovação da Lei da Informação Democrática (LID), que leva a assinatura do Deputado Federal Zaire Rezende (PMDB-MG).

Foi o ENECOM (Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação), integrando estudantes do Pará ao Rio Grande do Sul, com cerca de 2 mil participantes. Entre eles, 40 alunos da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí). Este evento acontece anualmente no mês de julho. Mesmo com as dificuldades de organização (o Reitor da Universidade Católica de Pernambuco retirou seu apoio dias antes e proibiu que o evento fosse realizado em suas dependências), o encontro foi proveitoso para quem estava realmente

interessado em novas experiências como, por exemplo, os estudantes da Universidade Federal do Pará. Eles mostraram como se organiza um grupo para participar de um encontro nacional. Além de discutirem ativamente, mostraram sua cultura, com apresentações de teatro, danças típicas e pesquisas.

A Universidade Federal Fluminense, de Niterói (RJ), também apresentou um belo trabalho. Os alunos montaram uma agência de notícias com o apoio financeiro de entidades ecológicas. Outras escolas de comunicação também querem ter sua agência de notícias. Para isso, há o projeto de Daniel Herz (militante do Fórum Nacional para a Democratização da Comunicação) para fazer uma rede de notícias, onde os universitários de todo o país poderão trocar informações. Os estudantes de Porto Alegre, com o auxílio de Herz, iniciarão o projeto ainda este ano. A Univali também tem alunos responsáveis por tentar implantar a idéia.

No dia 20, na Câmara de Vereadores de Re-

cife, houve uma audiência pública para discutir a LID, com a presença do Deputado Federal Pinheiro Landim (PMDB), relator do Projeto da Lei de Imprensa, que será votado ainda este ano. Foi a terceira audiência que o Deputado Landim participou (as outras foram em Brasília e Fortaleza) para contemplar a maior parte possível da sociedade em seu parecer.

Landim ouviu atentamente José Carlos Rocha, professor da USP (Universidade de São Paulo) e representante da Executiva do Fórum Nacional para a Democratização da Comunicação. Falaram, também, representantes sindicais de áreas da comunicação e estudantes, principalmente de jornalismo. A LID prevê a liberdade de manifestação do pensamento, o direito de provar a verdade, garantias profissionais aos Jornalistas, a possibilidade da criação de rádios e tevês públicas (livres), a regionalização da produção em rádio e televisão, além de proibir monopólio, oligopólio ou multimídia (obter concessão

ou comprar rádio, TV e jornal, ao mesmo tempo).

Para encaminhar as deliberações do encontro, foram criados grupos de trabalho por região, com seus respectivos propósitos. Os principais são: Universidades de Brasília — Lei da Informação Democrática; Universidade Federal Fluminense — Agência e Rede de Notícias; Unisinos (Universidade do Vale dos Sinos, RS) — Publicações; Faculdade Tiradentes (SE) — Banco de Temas. Os alunos de Jornalismo da Univali ficaram com o tema das escolas pagas. São responsáveis por um levantamento dos cursos de comunicação em todo o país, suas situações, valores de mensalidades e atuação em pesquisa e extensão. O intuito é divulgar as experiências bem sucedidas e aproximar os cursos.

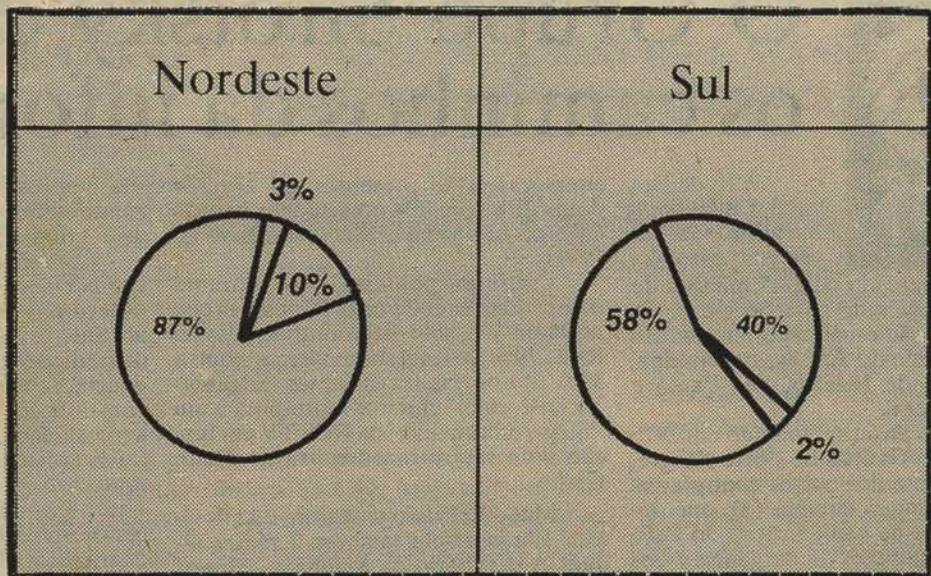
O próximo Enecom será em São Luís (MA), Belém (PA) ou Porto Alegre (RS). A decisão vai ser tomada num encontro de representantes, em Vitória (ES), agora em setembro.

O Sul, o Nordeste ou o Brasil é o meu país?

Dos nordestinos entrevistados, 87% são contra o separatismo do Sul do Brasil; 10% ainda não formaram opinião e apenas 3% se posicionaram a favor. A respeito da onda separatista do Nordeste, 58% são contra; 40% nunca ouviram falar e somente 2% são favoráveis.

A maioria acha que o separatismo do Sul é um movimento muito organizado e conta a participação ativa da população. A televisão, veículo com maior capacidade para formar opinião, não costuma apresentar dados sobre o número de pessoas que apóia os grupos separatistas, e que parcela da população será beneficiada.

"Seu" Elias Guedes Lima, 46, guardador de carro em Recife, ouviu falar do separatismo do Sul no Jornal Nacional (Rede Globo). Ele se posiciona contra a separação e utiliza o argumento dos separatistas para contra-argumentar: "O Sul produz mais alimentos e ajuda o Nordeste. Com a separação, nós vamos ficar mais pobres



ainda porque eles não vão mais ajudar a gente". "Seu" Elias nunca ouviu falar em grupos separatistas do Nordeste, pois a televisão não dá destaque.

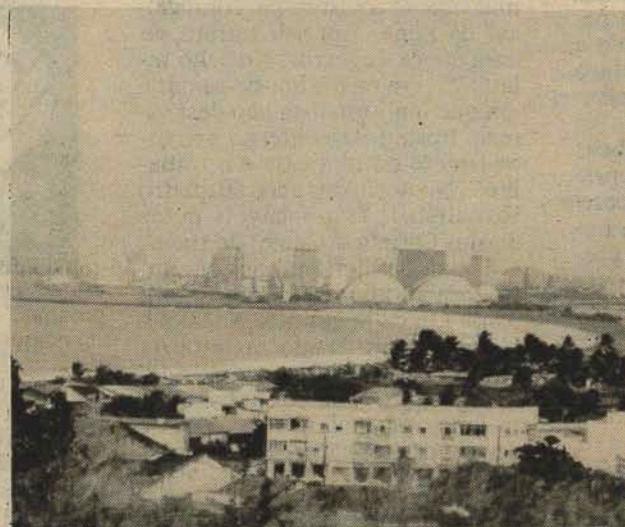
Sandro Moraes, 29, jornalista, é totalmente contra o separatismo por considerá-lo como um "bode expiatório" para se tentar explicar a atual crise no país. Ele entende que o Sul discrimina o Norte/Nordeste. De Olinda, Sandro manda

um recado: "Estão procurando justificar a crise colocando a culpa no primo pobre".

Uma das três pessoas que se posicionaram a favor de separar o Sul foi a alagoana Márcia Lima, 19, estudante de jornalismo. "O povo do Sul se acha auto-suficiente, mas o Nordeste também tem condições de se desenvolver sozinho. Se eles não querem viver com a gente, nós podemos viver sem eles. Além

disso, já somos separados mesmo", conclui Márcia.

É fundamental destacar que, no Sul, há os que querem mesmo separar a região e criar um país. Mas há um outro ponto muito discutido: a proporcionalidade da representação no Congresso Nacional. Um deputado federal se elege com cerca de 3 mil votos no Amapá e não se elege com 300 mil em São Paulo, por exemplo. E há



Recife vista do alto de Olinda. Há quem não a queira em seu país

uma pressão para que isso se modifique por meio de votação, no Congresso. Daí porque a reforma eleitoral e a reorganização federativa (mais autonomia aos estados) às vezes se confundem com o movimento separatista. Um dos que defendem estas idéias é o grupo "O Brasil é o meu país", criado em Joinville para combater o separatismo. Sua carta de princípios cita a federalização dos Estados Unidos e a adoção

do voto distrital como os pontos principais para a organização sócio-política brasileira.

No Nordeste também há grupos separatistas, mas eles foram criados em represália aos movimentos do Sul. Alguns encaram este assunto com ironia e outros ficam furiosos pelo descaso com que o Nordeste é tratado.

Texto e fotos: Eduardo Wendhausen

Cor da pele faz a diferença social

Negros e brancos vivem uma guerra fria de racismo disfarçado

Na sociedade de hoje ser branco é uma questão de honra. Esse pensamento acompanha não só as pessoas de pele clara, mas os próprios negros, de acordo com pesquisa nacional do Instituto Gallup. Enquanto na África do Sul existe um apartheid claro e declarado, no Brasil o racismo vem escondido atrás de atitudes. Esse sentimento de superioridade da raça branca fica ainda mais acentuado, tratando-se da região sul do País.

O censo de 1980 revelou que 7% da população de Itajaí é negra. Apesar disso, os aproximadamente dez mil negros do município correspondem a 35% das pessoas cadastradas em entidades de assistência à população de baixa renda, com ganhos de no máximo dois salários mínimos. Em cargos públicos de destaque, a presença de negros é rara. Na Câmara de Vereadores por exemplo, existem três negros, um recorde na história do poder legislativo.

"A dificuldade de atingir altas posições acompanha o negro desde criança", afirma José Bento Rosa da Silva, membro do Movimento Negro Tio Marco, de Itajaí, criado para combater o racismo, divulgar os casos de discriminação e promover o resgate da cultura negra. Em cinco anos de existência o movimento já defendeu vários casos de rejeição a negros que foram impedidos de entrar em clubes ou de concorrer a empregos. Um dos casos mais recentes foi o da estudante de Estudos Sociais, Gabriela de Souza. Ela foi impedida de preencher uma ficha de solicitação de emprego no Banco América do Sul. O gerente Sun Yui Lin, alegou que a instituição não estava precisando de funcio-

nários e que não existe racismo no banco. "Temos seguranças e vigias negros", afirmou o bancário.

Para o ativista Bento, que também é professor universitário "O próprio negro sente-se rejeitado já na escola; o padrão de beleza difundido no mundo não é o que ele vê no espelho. O homem de pele escura procura ter relacionamento com mulheres brancas porque elas estão dentro do estereótipo europeu".

Gilberto e Cleide namoram há sete meses e estão há um noivos. O casal sente na pele o racismo da sociedade. "Não foram poucos os empecilhos neste relacionamento, até as nossas famílias ficaram chocadas a princípio, "Beto como é conhecido afirma: estamos fora do padrão social, por isso é comum andarmos na rua sendo observados por olhares surpresos das pessoas", Beto é negro e Cleide branca.

Nos últimos tempos a televisão, os jornais e vários veículos de comunicação têm abordado o tema. São histórias de discriminação que acontecem todos os dias nas ruas. Numa enquête realizada pela equipe do jornal "Cobaia" no centro de Itajaí, cinquenta pessoas foram consultadas. A pergunta principal "Você se considera racista?" Setenta e oito por cento responderam que não. Mas a segunda pergunta questionava, "Você se casaria com pessoas de outra raça? Mais da metade acabou confessando que teria dificuldades de enfrentar um relacionamento destes. A enquête abordou apenas pessoas de pele clara.

Texto: Roberta Dietrich, Marta Vizzotto, Vilmar Felício



Vilmar Felício

Calouros esperam qualidade

Após anos de estudo, chega a hora do vestibular. Todos os candidatos buscam pontos, na tentativa de conseguir o seu lugar na universidade. Apesar do nível ter sido considerado médio pelos próprios candidatos as provas de física e matemática apresentaram maior dificuldade.

Mesmo não se preparando, Scheila Maristel Michel tinha esperança de passar, e hoje cursa o 1º período de Comércio

Exterior. "Este era o curso que eu queria. Agora espero viajar bastante e alcançar os conhecimentos necessários para tornar-me uma profissional de qualidade", declarou. Zaira Garcez fez a sua primeira opção pra Direito, porém passou em Estudos Sociais. Ela pretende cursar o primeiro período, transferindo-se posteriormente.

Apesar de aprovados no vestibular, os calouros dos diversos cur-

sos iniciaram as aulas no colégio Pedro Paulo Felipe, longe dos corretores da UNIVALI.

Conscientes de que as dificuldades serão muitas durante o decorrer dos semestres, os calouros mostraram-se dispostos a enfrentar o preço das mensalidades e das passagens de ônibus. Segundo Scheila, "tudo depende de cada um", considerando-se também a estrutura e a boa qualidade de ensino que o cur-

so lhe apresentar, além do apoio por parte da universidade. "O importante, não é procurar criar novos cursos, mas sim dar condições de estruturação, a fim de que os já existentes ofereçam condições para que o aluno torne-se um bom profissional", disse o aluno.

A primeira visão do calouro, ao chegar a UNIVALI é decepcionante, pois a expectativa de convivência com o ambiente universitário só acabará quando estiverem no segundo período. Porém a sensação de ser universitário os faz se sentirem maiores e mais inteligentes, pertencentes a uma classe pensante de uma sociedade.

Texto: André Silveira
Alexandre Letti
Krisley de Aquino Rosa

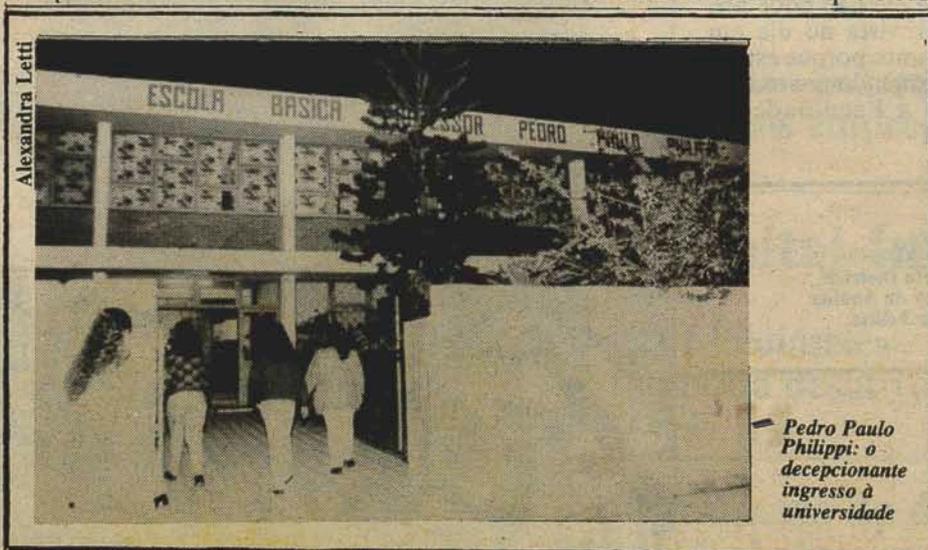
Isolamento entre Univali e calouros

Todo início de semestre na Univali, Universidade do Vale do Itajaí, acontece o mesmo transtorno. A falta de estrutura física do Campus-1 obriga que os primeiros períodos das faculdades noturnas sejam deslocados para outros estabelecimentos de ensino. Neste semestre 11 cursos tiveram seus calouros conduzidos a Escola Básica Pedro Paulo Philippi, distanciada 500 metros da Univali. Os estudantes ficaram submetidos ao isolamento do convívio universitário.

O estudante, Leonidas Guzviak, calouro do Curso de Comércio Exterior, não sabe explicar porque está estudando fora da Univali: "Nos disseram que o trote estava muito violento, por isso nos colocaram aqui. Outros nos dizem que não há salas disponíveis". O afastamento dos calouros gera grande falta de comunicação entre eles e os veteranos e até com a própria universi-

dade. A aluna Karina, do primeiro período de Pedagogia, diz que a distância atrapalha. Se quisermos pedir alguma opinião fica mais difícil. Não temos noção das coisas". Segundo os alunos a estrutura não atrapalha, mas a falta de convívio sim. Leonidas fala que não sobe o que está acontecendo na universidade, pois não conhece ninguém lá.

Outro problema enfrentado pelos calouros que não estudam dentro da universidade, é o tempo desnecessário que gastam quando precisam de serviços como a biblioteca. Conforme a aluna Karina, "não é justo ficarmos tão longe da biblioteca. Não temos tempo para nos deslocarmos até lá durante o período das aulas. Precisamos pedir para quem estuda no campus pegar livros para nós". A falta de informações por parte da secretaria não foi das melhores, comenta Karina.



Pedro Paulo Philippi: o decepcionante ingresso à universidade

O alcoolismo pode ser considerado uma compulsão física aliada a uma obsessão mental. Um alcoólatra tem um desejo físico, bem distinto, de consumir mais álcool do que é capaz de controlar. Ele não sabe parar de beber. Está doente, mas não percebe. É portador de uma doença incurável, porém, como muitas outras enfermidades, pode ser estacionada.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, 10% da população do mundo é alcoólatra. É apesar de todo avanço tecnológico da medicina, ela pouco pode fazer. O alcoolismo não tem cura. O único tratamento oferecido em um hospital é o de desintoxicação. Para se livrar do problema, somente através da força de vontade.

Determinação e força de vontade não faltam aos Alcoólicos Anônimos (A.A.), uma irmandade de homens e mulheres doentes de alcoolismo. Possui cerca de 2 milhões de membros em todo mundo, compartilhando suas experiências e problemas comuns. Este foi o caminho por eles encontrado para a recuperação.

O 1º A.A. foi fundado em 10 de junho de 1935, durante uma conversa entre um corretor da Bolsa de Nova Iorque, Bill, e um médico daquela cidade, Dr. Bob, ambos com problemas com o álcool.

Hoje, o A.A. existe em 136 países do mundo, com mais ou menos 86.000 grupos. Destes, 130 estão estruturados em Santa Catarina. Em Itajaí há 7 grupos com uma estimativa de 2000 integrantes.

Para se ingressar nos Al-

Christiane de Oliveira



O primeiro passo para um alcoólatra recuperar a sobriedade, é admitir que o problema existe

O drama do álcool

O alcoolismo atinge 10% da humanidade

coólicos Anônimos, antes de tudo a pessoa precisa estar consciente do seu problema, e desejar conquistar a sobriedade. É difícil imaginar que o sr. G., de mais ou menos quarenta anos, tenha sido um alcoólatra: "A ciência médica descobriu que o alcoolismo é uma doença progressiva. Ver um pai, um esposo, sempre bêbado é triste. Eu era doente e minha família não sabia. Eu não bebia cachaça, só whisky, e mesmo

bêbado, fazia propaganda do A.A. Diz um ditado: 'Quando não é pelo amor é pela dor'. Em 1975, fui atropelado quando estava alcoolizado. Levei 50 pontos na cabeça, perdi a memória. Voltei para casa e bebi, um dia depois joguei todas as bebidas fora. Desde então eu participei do A.A."

Sendo uma entidade sem fins lucrativos, vínculos religiosos ou políticos, o Alcoólicos Anônimos não recebe doa-

ções. Também não faz promessas. Seus integrantes procuram viver um dia de cada vez, sem beber o primeiro gole. "Se eu não tivesse encontrado o A.A., não teria sobrevivido. Senti que podia me manter sóbrio, mas precisava me modificar. No A.A., descobri uma irmandade espiritual, e o crescimento espiritual é a base sólida de uma abstinência tranquila", assegura sr. S.

Talvez a família seja quem

mais sofra com a experiência de conviver com um alcoólatra. "Um dia eu corri com um namorado da minha filha. Completamente bêbada, eu falei para o rapaz: 'Tu és feio assim mesmo, ou levasse uma p... na cara?'. Ele nunca mais voltou", lembra dona A. Já a história do seu C. é igual a de muitas outras contadas por aqueles com o mesmo problema: "Ao me aproximar de casa, ao cruzar os umbrais da porta, eu procurava um defeito para demonstrar o 'macho' que eu era. Descontava nos mais fracos, meus filhos e minha mulher. Eles eram uma fortaleza, agüentaram vinte anos de alcoolismo!"

O porquê do anonimato? A irmandade deve ser a atração, não as vitórias de cada um.

Recuperação não é privilégio de todos os alcoólatras. Pelo contrário. Érico, 36 anos, esteve no A.A., porém não conseguiu manter a sobriedade por muito tempo. "Em 78, um amigo me levou para os alcoólatras anônimos; seis meses depois me convidou para beber cerveja. Aí, eu acabei voltando à bebida".

Érico ainda conta: "por causa da bebida eu perdi muitos empregos, me separei da minha companheira, porque batia nela. Eu fico muito agressivo quando bebo".

Assim como Érico, Oclair Lima, 30 anos, também convive com o problema: "não posso ficar sem tomar. Já bebo na cama, deitado, pois a fraqueza não me permite ficar em pé".

Texto: Christiane de Oliveira
Cláudia Cristina Batschauer

Univali na boca do povo

Há dois anos o curso de Odontologia da Univali desenvolve um programa de atendimento à comunidade de Itajaí. Com um fluxo de aproximadamente quarenta pacientes por dia, o atendimento é feito pelos alunos que já estão nas fases finais do curso, acompanhados por professores. Este trabalho é desenvolvido em convênio com o SUS — Sistema Unificado de Saúde.

O convênio não destina verba definida para o programa. Ele cobre uma parte dos custos de material didático utilizado nos tratamentos, e remunera mensalmente a universidade pela produção acadêmica. Além dos casos considerados rotineiros são feitos atendimentos especializados como próteses, cirurgias e tratamento de canal. Em convênio com o SUS, a Univali é a única instituição na cidade que presta este tipo de atendimento de forma gratuita (os postos de atendimento do município realizam apenas extrações e restaurações). Porém, nem todo o material didático é custeado pelo SUS. Assim, o que fica faltando é trazido pelos alunos. Estes materiais, que não estão in-

cluídos nos custos das mensalidades, hoje em torno de vinte e dois mil cruzeiros reais, agulhas, filmes para raio-x e outros necessários.

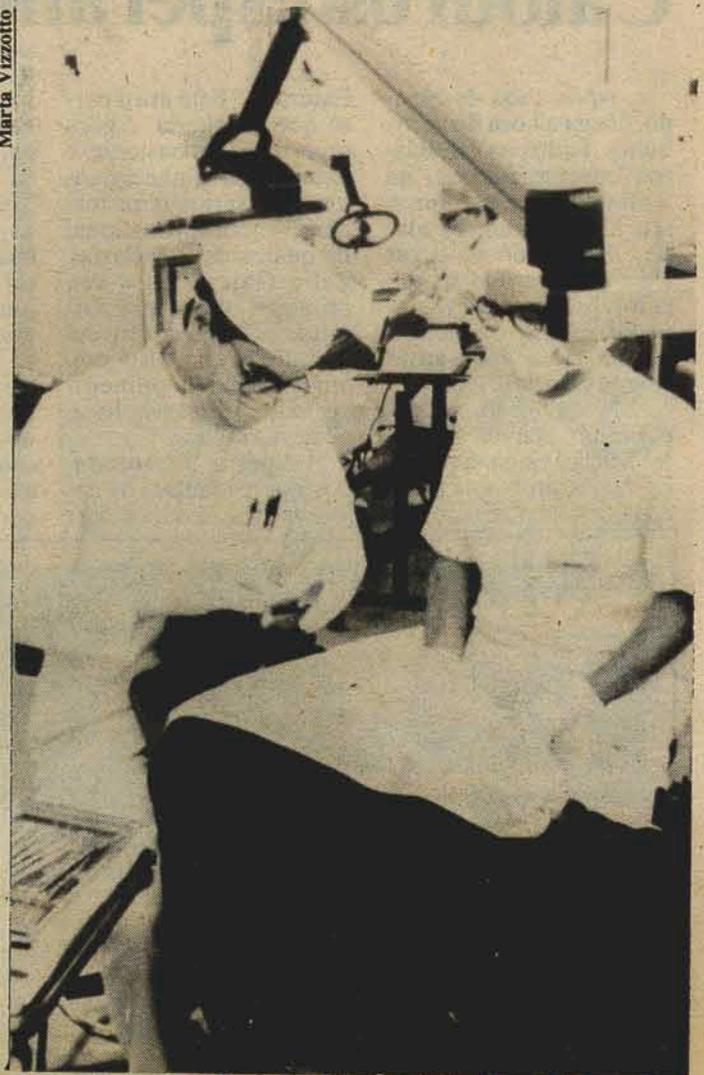
Infra-estrutura: O curso de Odontologia da Univali possui hoje duas clínicas de atendimento com vinte e dois equipamentos em cada uma; duas pré-clínicas, onde os alunos vão treinando em modelos antes de tratar os pacientes, ainda: oito boxes com aparelhos raio-x e um laboratório que produz material didático, modelos de boca, dentes, gengivas, etc. De acordo com o protético responsável pelo laboratório, Sérgio Souza Junior, esta é uma forma de reduzir os custos, já que não é necessário buscar fora da universidade o material e pagar mais por ele (além de ser um produto muito usado pelos acadêmicos). O curso tem também uma sala cirúrgica equipada com aparelhos de tecnologia avançada e uma outra, em fase de implantação.

A clínica funciona de segunda à sexta-feira e no atendimento varia de seis meses a um ano. Inicialmente é feita uma triagem entre os pacientes e as-

sim que os trabalhos vão sendo concluídos, novas pessoas são chamadas. Com uma estrutura qualificada entre as melhores do país, a universidade entra com o espaço físico e com o corpo docente. De acordo com o vice-diretor da faculdade, Túlio Valcanaia "que seja louvado quem precisa", ou seja, muitos benefícios adquiridos pelo curso se devem ao diretor do curso, que sempre está em busca de novos convênios, contratos e melhorias. Inclusive ele não pôde nos dar uma entrevista no dia em que o procuramos porque estava em Bauru, firmando novos convênios para a Faculdade de Odontologia.

Texto:
Marta Vizzotto
Roberta Dietrich
Krisley de Aquino
Vilmar Felício

Marta Vizzotto



Acompanhados de professores, os futuros dentistas já atendem